

ÍTALO-GAÚCHOS E TEUTO-GAÚCHOS: O DESENHO DE HUMOR NO RESGATE DA IDENTIDADE

AUGUSTO FRANKE BIER

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABIC0).

RESUMO

Embora a produção humorística do Rio grande do Sul seja caudalosa e fluente no que diz respeito à sua própria gente e cultura, na área do desenho caricatural (cartum, charge, caricatura, tira e história em quadrinhos)¹ as investigações acadêmicas praticamente não existem. Porto Alegre, a capital do estado, é referência mundial apontada como grande usina de cartunistas, como assegura Fonseca (1999), e residência de um bom número de profissionais premiados dentro e fora do Brasil. Nesse quadro, o que chama atenção é o fato de que três dos grupos étnicos que integram o mosaico populacional gaúcho estão representados por personagens de desenhos de humor. Além de oferecer um campo de pesquisa realmente instigante, a situação oportuniza o preenchimento de uma lacuna que há anos pede por um tratamento aprofundado sobre humor e identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Humor — Etnia — Identidade

O MAPA DA MINA

É nos campos da prosa de ficção e poesia que parece estar concentrado o maior volume de estudos de literatura sobre o tipo humano Rio-grandense, estando o humor aí incluído, sem um tratamento especificado (Zilberman, 1992). O material existe, como já demonstraram Lopes Neto e Ramiro Barcellos, passando por Luís Fernando Veríssimo e Apparicio Silva Rillo. Igualmente o anedotário gauchesco publicado pela Editora Tchê! na década de 1980 serve de exemplo, pois é vasto, bem como a poesia engraçada, da qual um dos expoentes mais conhecidos é Antonio Augusto Fagundes. Mas, para traçar uma caminhada cujo propósito quer ter como objeto empírico as tiras de humor com personagens representantes das etnias alemã e italiana, talvez a melhor forma seja apresentar, antes, uma pequena panorâmica do que foi produzido em suporte impresso desde o início da imigração até nossos dias.

Os primeiros registros chamados cômicos ou humorísticos ligados à identidade do tipo humano Rio-grandense, que neste texto vamos designar como “gaúcho”, dizem respeito aos descendentes dos mais antigos ocupantes europeus no estado, também conhecidos como luso-brasileiros, que a seguir se miscigenaram aos nativos e negros (Paixão Cortes, 1976)², estes últimos trazidos à força da África para servir de mão-de-obra escrava. As partidas de demarcação de terras lusitanas, a partir de 1750, é que determinaram novo impulso ocupacional por europeus no interior do território gaúcho³.

Aproximadamente três séculos se passaram, desde o início da ocupação do Rio Grande do Sul pelos europeus, para que o gaúcho fosse observado sob uma ótica de humor em registro gráfico. É através de João Simões Lopes Neto, com a publicação de “Causos do Romualdo”, em 1912, numa compilação de histórias orais contadas pelas estâncias do Rio Grande do Sul, que surgem os primeiros tratamentos humorísticos sobre a vida Rio-grandense. Três anos mais tarde, em 1915, depois de uma dissidência no PRR (Partido Republicano Riograndense), Ramiro Barcelos rompe com o governador Antonio Augusto Borges de Medeiros e, assinando como Amaro Juvenal, escreve longa, irônica, agressiva e riquíssima poesia atacando seu desafeto com título dando nome e apelido: “Antônio Chimango” (Zilberman, 1992). Empregando extenso vernáculo regional e caricaturando Borges de maneira arrasadora na sua atuação no PRR e no governo do estado, Ramiro Barcelos, com essa obra

escrita nos moldes de “Martin Fierro”, ganhou mais notoriedade do que com toda sua carreira política (Machado, 1973).

Se a literatura da época já se apresentava contundente ao lançar o riso sobre o gaúcho, o mesmo não se pode dizer da produção de desenhos de humor, uma vez que o material reunido por este levantamento é escasso. O terreno não é diferente em relação aos teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos, grupos étnicos descendentes de imigrados da Europa para o Rio Grande do Sul a partir da primeira metade do século XIX⁴. A produção de cartuns, charges, ilustrações e quadrinhos de e sobre esses dois segmentos étnicos, como foi constatado, é ínfima. A pesquisa abarcou todas as manifestações de humor impresso, de livros a jornais, de anuários a revistas, de cartazes a folhetos. Além disso, também foram rastreadas monografias, dissertações e teses a respeito⁵.

A coleta de dados acusou uma escassez de investigação nas áreas de humor étnico e identidade no Rio Grande do Sul. A única pesquisa específica encontrada, abordando humor impresso a respeito de descendentes de imigrantes alemães ou italianos no estado, é a dissertação de Mestrado em História de Heike Kleber da Silva (UNISINOS, 1996), intitulada “Representações do humor no imaginário Teuto-brasileiro”. O trabalho analisa o discurso humorístico veiculado entre 1921 e 1940 num almanaque católico produzido para uma faixa de leitores do meio rural: “Der Familienfreund-Katholischer Hauskalender und Wegweiser für das Jahr...” (“O Amigo da Família – Almanaque Doméstico Católico e Guia para o Ano de...”). Provavelmente é o primeiro trabalho a sistematizar o assunto no Rio Grande do Sul, pois examina a publicação como instrumento “de construção de verdades e identidades, de manipulação de um imaginário social por parte dos jesuítas da região colonial” (Silva, 1996:7). Por intermédio de peças de humor escritas e desenhadas – na maior parte apropriadas de publicações alemãs e ainda não traduzidas para o português -, a Igreja Católica procurava, de maneira subliminar, criticar valores e comportamentos considerados típicos do meio urbano, construindo uma identidade idealizada para o meio rural e para si. As piadas presentes no almanaque também dissecavam problemas internos da própria sociedade colonial, mas nem sempre de forma direta. É um procedimento que se alinha de tal forma a outros discursos produzidos e divulgados pelos jesuítas de então, que estes, orientados pelo movimento da Restauração, procuravam controlar a vida dos indivíduos do seu rebanho. A pesquisadora identificou a construção de imagens do discurso humorístico do almanaque em três pontos: a mulher, os vícios e o não trabalho.

Tudo indica que Heike está correta quando afirma que o humor acompanhou grande parte dos jornais e almanaques que foram produzidos pelos teuto-brasileiros. A escassez anteriormente referida diz respeito à abordagem sobre o tipo teuto-gaúcho especificamente, já inserido no ambiente do rio Grande do Sul e assumindo as novas características moldadas pela sociedade aqui configurada. Mas a dissertação de Heike indica que não foram poucas as publicações predominantemente humorísticas, embora utilizando personagens e cenários ambientados na Alemanha da época (o material era, na maior parte, extraído de publicações alemãs), demonstrando a existência de um grande público apreciador do gênero na zona de colonização alemã do Rio Grande do Sul⁶.

Fora isso, o levantamento de dados nas cinco cidades gaúchas já referidas apontou para uma produção razoável de trabalhos com enfoque humorístico que, para fins de facilitar sua leitura, foi classificada da seguinte forma: 1) anedota e conto; 2) cartum, charge, caricatura, tira e história em quadrinhos; 3) dramaturgia e 4) cancionero.

Além disso, um aspecto em particular permeia as diversas formas de humor abordadas: trata-se da imitação escrita do sotaque alemão ou italiano falando em português. A chacota dos luso-brasileiros com o sotaque se dirige mais aos teutos do que aos italianos. Há dois textos notáveis imitando a fala arrevesada do alemão, ambos em forma de cartas, uma para o editor da revista de variedades “Kodak” (Porto Alegre, 1913) e outra xingando Borges de Medeiros, então Presidente do Estado, pelo descaso oficial para com a colônia alemã (Porto Alegre, 1924)⁷.

A imitação do sotaque italiano ganha destaque nos textos atuais, escritos pelo cartunista Carlos Henrique Iotti, nas páginas da revista “Gibizón do Radicci”, editada por ele e sua equipe em Caxias do Sul. É o “gringo” rindo de si próprio. Mas o teuto-gaúcho também demonstra que sabe rir de si mesmo. Isso fica evidente no convite e programa de um baile de “kerb” realizado em Nova Petrópolis no ano de 1936. O texto está escrito em alemão dialetal, o hunsrück, e depois “traduzido” para o português com sotaque (Müller, 1984).

A língua dominante praticada pelos descendentes de italianos no Rio Grande do Sul é o vêneto, dialeto trazido pelos imigrantes. Nesse dialeto é que foi escrito “Nanetto Pipetta”, obra do frade Aquiles Bernardi, publicada em forma de folhetim no então “Stafetta Riograndense”, de Caxias do Sul (entre 23/11/1924 e 18/02/1925), depois editada em forma de livro. Trata-se de uma obra fundamental para entender a colônia italiana. Marca o cinquentenário da

imigração e aborda com bom humor, entre outras coisas, as trapalhadas dos imigrantes e seus descendentes no uso da língua portuguesa. O estrondoso sucesso da publicação causou espanto, pois a comunicação dialetal desfrutava de pouco status entre os mais letrados. Mas a narrativa dirigia-se ao meio rural, onde o vêneto era a fala corrente, e pregava a moral católica e cristã – além de combater o discurso anarquista que se alastrava pela colônia, conforme ressalta o professor Arthur Rambo, coordenador do Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros, da UNISINOS⁸.

Para celebrar os seus 90 anos de circulação, a partir de fevereiro de 1999, o “Correio (antigo “Stafetta”) Riograndense” decidiu prosseguir publicando a saga do grande herói da colônia italiana nos mesmos moldes de antigamente – folhetim redigido em vêneto -, agora sob o título “El Ritorno de Nanetto Pipetta”. Os textos dessa nova fase são produzidos pelo ator Pedro Parenti, que também encarna o personagem no palco, e contam com as ilustrações do cartunista Carlos Henrique Iotti, ambos caxienses.

O levantamento aqui relatado indica que o maior volume de material de humor publicado sobre as duas etnias, desde o início da produção impressa, nas colônias do século XIX, até nossos dias, está na forma de anedotas e contos. Nesta área, os ítalo-gaúchos parecem estar mais à vontade no “novo mundo”. Enquanto a produção humorística dos alemães se dá pelo reaproveitamento ou reprodução de textos importados, os italianos já conseguem criar humor na terra que os recebeu. As entrevistas e levantamentos realizados em outras localidades apontam todas para o acervo produzido ou reunido em Porto Alegre, principalmente na EST⁹, sob a responsabilidades dos pesquisadores e professores Rovílio Costa, Arlindo Battistel e Luís de Boni. Costa e Battistel também assinam uma coluna de amenidades, curiosidades e humor, intitulada “Vita, Storia e Frótole” no “Correio Riograndense” desde 12 de agosto de 1981.

Duas obras de Telmo Lauro Müller (1981 e 1984) reservam capítulos para o humor da zona de colonização alemã, com transcrição de anedotas recolhidas da tradição oral. Muitas delas misturam o alemão dialetal e o português. São tematizadas situações reais ou fictícias envolvendo as agruras de colonos na cidade. Em sua quase totalidade, os personagens são pessoas que saíam do meio rural para circular em São Leopoldo. Mas também surgem situações envolvendo padres, pastores, médicos, comerciantes e os próprios moradores do meio urbano.

Como grandes expoentes desse gênero figuram os anuários e almanaques, publicações majoritariamente editadas por ordens religiosas e gráficas protestantes em funcionamento nas áreas da colonização. Por outro lado, existiam as edições leigas ou seculares. Dentre todas, ganha destaque, por ser assumidamente humorística, a publicação “Der Brumbärr” (“O Resmungão”), dirigida por Alfons Brod na década de 1930, em Arroio do Meio. Seus textos e desenhos foram produzidos na sede do município e arredores, inclusive utilizando uma linguagem que já começava a incorporar expressões em português. O mesmo processo de mistura de idiomas também pode ser observado entre os italianos¹⁰.

Pelo menos até o fim do século XIX, o desenho de humor ainda não acompanhava a ambientação da literatura durante o processo de aculturação, isto é, a produção era praticamente inexistente. No que diz respeito ao desenho caricatural, a maior parte do material encontrado está em publicações produzidas pelos teuto-gaúchos¹¹, sendo que os trabalhos – sempre em alemão, exceto durante a Segunda Guerra – abordam temáticas universais, predominantemente urbanas, tendo sido extraídos de publicações provenientes da Alemanha. Quase não há registros de desenhos sobre ítalo-gaúchos e teuto-gaúchos nos acervos pesquisados, exceto uma ou outra ilustração do início do século XX.

Com o alinhamento do governo Vargas aos aliados na Segunda Guerra (1939-1945), abre-se um grande hiato na produção humorística Rio-grandenses de origem identificada com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). As colônias foram proibidas de se comunicar em qualquer outra língua que não fosse o português e o abuso de poder das autoridades brasileiras durante o período contra essas populações ainda é lembrado (Rockembach, 1996). Um grande acervo bibliográfico e iconográfico foi destruído, escolas foram fechadas, pessoas foram presas e diversas publicações deixaram de circular.

Se no pós-guerra as ondas de rádio eram aproveitadas para anunciar a volta do humor étnico em sua programação (Rockembach, 1996), o mesmo não pode ser afirmado em relação ao desenho de humor nos meios impressos. O que se observa nessa área é um vazio que se fez sentir por décadas, e de tal forma, que só a partir dos anos 1980 começam a ser lidas entre os gaúchos tiras de humor com personagens étnicos de origem teuta e italiana: “Alemão Blau”, de Augusto Franke Bier (Porto Alegre, 1986), e “Radicci”, de Carlos Henrique Iotti (Caxias do Sul, 1983), que continuam sendo publicadas atualmente em jornais do Rio Grande do Sul¹².

No que diz respeito à dramaturgia humorística, a publicação encontrada é da autoria de Rosemar Piovesan (1985), editada pela UFSM, contendo quatro comédias escritas em vêneto. A essa peça de teatro soma-se a dramaturgia adaptada das obras “Nanetto Pipetta”, apresentadas por um grupo de atores de Caxias do Sul. As apresentações também ocorrem entre os gaúchos de origem alemã, especialmente nas festividades religiosas, mas não foi encontrado qualquer registro do tipo na área coberta por este levantamento.

As informações colhidas também levam a crer que é maior o volume de canções populares humorísticas entre os ítalo-gaúchos do que entre os teuto-gaúchos. O problema que se apresenta nessa área é distinguir o que foi trazido pelos imigrantes e o que foi criado pelos seus descendentes no Rio Grande do Sul. Todavia, o cancionário vêneto não deixa de ser um indicativo diferenciador, mas nem de longe definitivo. No caso dos teuto-gaúchos, volta à cena um aspecto interessante já abordado anteriormente, que é o da brincadeira com a fala atrapalhada, isto é, do português falado com sotaque, erros gramaticais e mistura de idiomas, como bem exemplifica a canção “Frühstück”, incluída pelo Pe. Ivo Inácio Bersch (1984) numa coletânea de canções populares da colônia alemã.

Após esta rápida abordagem do cenário de produção humorística tendo por tema os teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos, cabe retomar o objeto empírico que se quer utilizar nesta investigação: as tiras de humor dos personagens Blau e Radicci. Ambas foram publicadas simultaneamente no jornal semanário “O Interior”, da Fecotriga (Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do Rio Grande do Sul), com redação em Porto Alegre, entre 07/03/1987 e 07/09/1989. Foram 130 edições no período de dois anos e meio. Voltado para os produtores rurais, o veículo contava, ainda, com um cartum semanal de outro tipo caricatural gaúcho, representando o descendente do gaúcho primitivo: o Macanudo Taurino Fagunde, criação do humorista Neltair Rebés Abreu (Santiago). As três etnias gaúchas representadas nos desenhos de humor do jornal estavam ambientadas na vida do campo ou da lavoura. O que, de certa forma, trata de remetê-las de volta à primeira atividade desenvolvida pelos imigrantes quando aqui chegaram, que é ligada ao meio rural. Tal enfoque pode possibilitar um estudo comparativo entre os costumes trazidos pelos imigrantes alemães e italianos do século XIX e as práticas ainda remanescentes daqueles hábitos nos dias de hoje representadas nas tiras de humor.

Blau e Radicci surgiram na década de 1980, período em que o Rio Grande do Sul experimentava uma espécie de “boom” nativista, com o resgate cultural das tradições campeiras do estado e de reflexo direto sobre a mídia e o mercado. Era como se todo gaúcho de hoje tivesse o mesmo passado da vida campeira das estâncias e descendesse de portugueses, enquadrado nos moldes cultuados e mitificados pelo MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho). Os dois personagens aparecem demonstrando que havia uma diversidade étnica e cultural no cenário, que os “outros” também estavam integrados, embora preservando características próprias. Aqui pode ser levantada a hipótese de que o surgimento de desenhos de humor com personagens étnicos de origem alemã e italiana, paralelamente ao reacendimento das raízes nativas tradicionais, funcionou como reação ao reducionismo unificador levado a cabo com grande ajuda da indústria cultural do Rio Grande do Sul e do MTG.

Há diferentes formas de abordagem humorística, e elas variam de cultura para cultura. Isso pode ser demonstrado não apenas por Blau e Radicci. Uma revelação interessante neste aspecto está registrada na obra “Imprensa Caricata do RS no Século XIX”, de Athos Damasceno (1962). Nela, o renomado jornalista Karl Von Koseritz, imigrante alemão reconhecido no meio intelectual e político gaúchos da época, e editor de um jornal que se pretendia humorístico chamado “A Lanterna”, publicado em Porto Alegre na Segunda metade do século XIX, confessa a um amigo luso-brasileiro que, na condição de alemão no Brasil, não conseguia cultivar lá muito senso de humor. E admite as suas dificuldades para se afinar ao espírito e à índole locais, muito mais irreverente, expansiva e debochada – bem ao feitio dos lusos e afro-gaúchos. Cada grupo étnico leva características próprias do lugar de origem para o novo destino. No movimento de integração e adaptação à nova terra e sua gente, abre mão de certos valores, mas cuida de preservar outros ao longo dos anos, fincando no terreno que ocupa a bandeira dos diferenciais pelos quais quer ser identificado e respeitado. A pergunta que se apresenta agora, talvez a mais importante deste projeto, é a seguinte: Quais características dos personagens Blau e Radicci atuam para o resgate da sua identidade étnica no mosaico etnográfico do Rio Grande do Sul?

BIBLIOGRAFIA

- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto alegre: Mercado Aberto, 1992.
- MACHADO, José Olavo. *Rio Grande do Sul no período republicano*. Rio de Janeiro: Itaimbé, 1973.
- BERNARDI, Aquiles. *Nanetto Pipetta*. Caxias do Sul: EST/EDUCS/Correio Riograndense, 1988.
- DA SILVA, Haíke R. K. *Representações do Humor no Imaginário Teuto-Brasileiro*. São Leopoldo, 1996 (Dissertação de Mestrado). Faculdade de História - Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- ROCKEMBACH, Silvio A. Nas Ondas do Rádio. In: FISCHER, Luís Augusto & GERTZ, René (coord.). *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996, p.126-130.
- MULLER, Telmo Lauro. *Colônia Alemã: imagens do passado*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.
- _____. *Colônia Alemã: 160 anos de história*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1984.
- FONSECA, Joaquim da. *Caricatura - A imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- CORTES, J. C. Paixão. *The Gaucho – Dances, Costumes, Craftsmanship*. Porto Alegre: Garatuja/Riocell, 1976.
- RABAÇA, C. & BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

NOTAS

¹ Cartum: anedota gráfica sobre costumes. Charge: anedota gráfica sobre fato ou notícia em evidência. Caricatura: retrato distorcido de pessoa ou circunstância acentuando ou diminuindo certas características. Tira: “gag-strip”, charge ou cartum que utiliza a linguagem de história em quadrinhos para uma seqüência curta. História em quadrinhos: narrativa média ou longa que associa texto e desenho seguindo um roteiro para cenas em seqüência.

² O autor observa que, até o final do século XVIII, a mulher branca era desconhecida do gaúcho tradicional do Rio Grande do sul.

³ Embora o noroeste do Rio Grande do Sul tenha sido ocupado inicialmente por jesuítas espanhóis, a retomada daquela área por brancos europeus ainda esperou cerca de meio século depois da assinatura do Tratado de Madrid, em 1750. A partir do início do Século XIX, sesmeiros portugueses passaram a repovoar a região, mas sem que houvesse registro de produção de obras humorísticas nas Missões (ASSIS BRASIL, L. A.. in “Diversidade Etnica e Identidade Gaúcha”. Santa Cruz, Unisc, 1994, p. 156).

⁴ Alemães a partir de 1824, italianos a partir de 1875.

⁵ No período compreendido entre 4 de fevereiro e 10 de março de 2000 foram realizados levantamentos nos acervos de bibliotecas nas cidades de Porto Alegre, São Leopoldo, Ijuí, Caxias do Sul e Santa Maria. Em Porto Alegre, as investigações tiveram lugar nas bibliotecas da UFRGS, da PUCRS, da EST(Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes) e do Museu de comunicação Hipólito da Costa. Em São Leopoldo, os levantamentos foram realizados na Biblioteca Central da UNISINOS, no Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros e no acervo do instituto Anchieta de Pesquisas (ambos ligados à mesma universidade), bem como na biblioteca do Museu Municipal. A coleta de dados em Ijuí ocorreu na Biblioteca Central da Unijuí e no acervo de obras do Museu Antropológico diretor Pestana. Também em Caxias do Sul a coleta se deu em dois lugares: a Biblioteca Central da UCS (Universidade de Caxias do Sul) e o arquivo do semanário “Correio Riograndense”. Já em Santa Maria, a busca passou pela Biblioteca Pública Municipal, pela Biblioteca Central da UFSM e pelos acervos bibliográficos da Associação Italiana e a representação consular da Itália (que atende a Quarta Colônia Italiana do RS, sendo as outras Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi).

⁶ Algumas das mais importantes: “Der Hinkende Teufel” (“O Diabo coxo”), Porto Alegre, 1855. “Moskito” (“Mosquito”), Pelotas, 1914. “Der Brumbärr” (“O Resmungão”), Arroio do Meio, 1930-1938.

⁷ “Kodak”, n. 30 (10/05/1913) e “O Interior”, n. 649 (04 a 10/07/1989), respectivamente.

⁸ Informação passada durante entrevista em novembro de 1999.

⁹ Algumas obras mais conhecidas: “Ässim vivem os italianos vol. 2”, de Arlindo Battistel (EST/Educs, Caxias do Sul, 1990), “Polenta e Liberdade”, de vários autores, “Intanto Ridemo”, de Élyo Caetano Grison (Espiritualidade Franciscana, Porto Alegre, 1986), “Le storie dei filó”, de Cecilia Ignazzi (Livraria do Maneco, Caxias do Sul, 1991), “Frótole dei Baracon”, de Rosemar de Fátima Vestena Piovesan (UFSM, Santa Maria, 1995), “Un filó da distante”, de vários autores (EST, Porto Alegre, 1998), “Girando la storia”, de Sérgio Angelo Grandó (EST, Porto Alegre, 1995), “Se godivimo co gnente”, de Cecilia Ignazzi (Livraria do Maneco, Caxias do Sul, 1992).

¹⁰ O fenômeno pode ser observado durante o Festival da Mentira de Nova Bréscia (RS), realizado desde 1982, de dois em dois anos, geralmente em abril, mês do aniversário de emancipação.

¹¹ “Skt. Paulus-Blatt”, religioso católico (Nova Petrópolis, 1912-1938), “Der Familienfreund-Katholischer Hauskalender und Wegweiser für das Jahr...”, religioso católico (Porto Alegre, 1913-1953), “Serra-Post Kalender”, secular (Ijuí, 1922-1975) “Der Brumbärr”, secular (Arroio do Meio, 1930-1938).

¹² Principais publicações do Alemão Blau, de Bier: “o Interior” (Fecotrigo, P. Alegre, 1987-1990), “Alles Blau” (Sulina, P. Alegre, 1989), “Folha de Hoje” (Caxias do Sul, 1989-1990), “NH” (Novo Hamburgo, 1989-1990), “Informativo do Vale” (Lajeado, 1991), “Jornal das Missões” (Santo Ângelo, 1991-2000), “Jornal da Manhã” (Ijuí, 1992-1993), “Garganta do Diabo” (Santa Maria, 1993-1998), “Gibizon do Radicci” (Caxias do Sul, 1997), “Nós, os Teuto-Gaúchos” (UFRGS, P. Alegre, 1997), “Hora H” (Ijuí, 1999-2000), “Jornal do Vale” (Lajeado, 2000). Principais publicações do Radicci, de Iotti: “O Pioneiro” (Caxias do Sul, 1983-2000), “O Interior” (Fecotrigo, P. Alegre, 1983-1990), “Ted Fagundes” (Tchê!, P. Alegre, 1986), “Radicci e outras histórias” (Tchê!, P. Alegre, 1987), “Demo Via” (Rugeri/MEC-RUL, Caxias do Sul, 1988), “Zero Hora” (P. Alegre, 1990/ 1995-2000),

“Folha de Hoje “ (Caxias do Sul, 1989-1990), “Correio do Povo” (P. Alegre, 1993-1994), “Gibizon do Radicci” (Caxias do Sul, 18 edições desde 1993), “Nós, os Ítalo-Gaúchos” (UFRGS, P. Alegre, 1997). Também publica no “Diário Catarinense”, de Florianópolis, e no “Diário do Povo”, no Paraná.